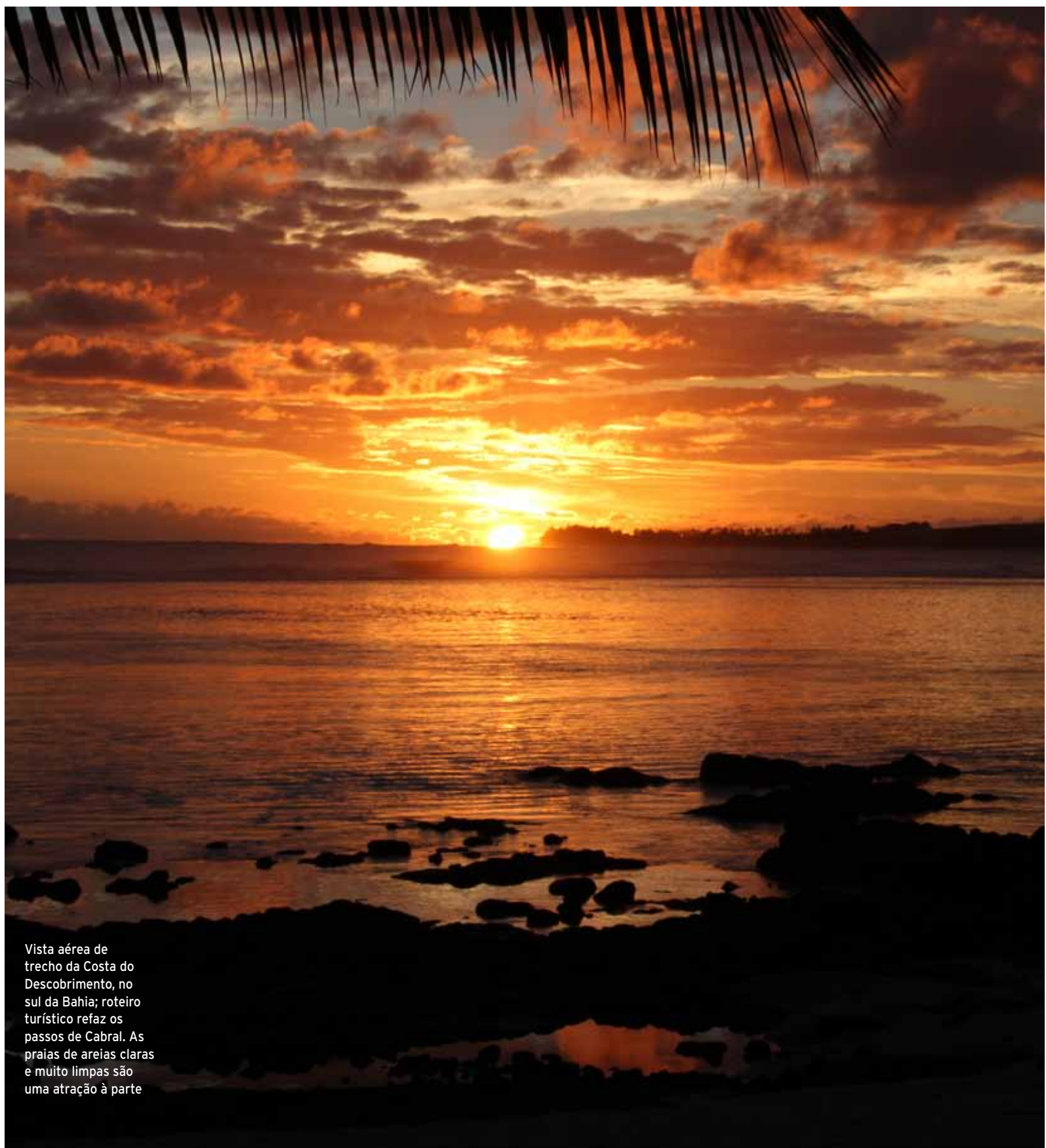


TROPICAL, EXÓTICA E AINDA POUCO CONHECIDA

Ilha *Carib-Indo-Pacífico* em pleno Oceano Índico, no Sudeste da África, Mauritius tem um mar que convida a se esbaldar na água, com direito a nadar com golfinhos



Vista aérea de trecho da Costa do Descobrimento, no sul da Bahia; roteiro turístico refaz os passos de Cabral. As praias de areias claras e muito limpas são uma atração à parte



Eu me considero uma viajante nata, que gosta de rastrear lugares que não caíram na boca do povo ou só constam em publicações mais pontuais. O objetivo é petiscar as surpresas que o desconhecido sempre nos reserva, extrair todos os pontos positivos e acumular conhecimento e experiência na bagagem. Sempre antecipo com um certo *frisson* o que um novo destino vai me oferecer, seja no quesito paisagem, seja em termos de cultura ou aventura. E não deixa de ser deliciosa essa sensação de suspense, nem que seja pela certeza de que um mundo diferente está para ser desvendado.

Sendo assim, ainda atordoada pelo fuso horário depois de uma longa viagem, foi muito bom acordar no conforto de um espaçoso bangalô do Shanti Maurice (www.shantimaurice.com), um dos resorts mais idílicos da Ilha Maurícius, onde iríamos passar quase uma semana. Levei alguns instantes para me situar geograficamente, já que tínhamos atravessado meio mundo para chegar até essa ilha *Carib-Indo-Pacífico* de pouco mais de 1 milhão de habitantes, situada ao Sudeste da África, em pleno Oceano Índico. Confesso que toda essa região era quase incógnita, e apenas lembranças da adolescência pinçadas no fundo da memória traziam à tona o nome desse pequeno ponto geográfico como sendo um lugar paradisíaco, contornado por águas límpidas, muitas praias desertas, vegetação tropical, muito exotismo e nada mais.

Esse idílico oásis, que foi descoberto pelos portugueses no início do século 16 e ocupado por holandeses um século mais tarde, tornou-se território francês por cerca de cem anos antes de passar para a tutela dos ingleses no começo do século 19. Só em 1968 a ilha ganhou sua independência e conquistou o status de república em 1992. Mas ninguém sabe explicar ao certo, diante da miscelânea linguística e cultural, a preferência pelo idioma de Molière em quase tudo – do nome de todos os lugares à comunicação em geral – em detrimento do inglês, visto que foram os britânicos os últimos colonizadores a fincar sua bandeira por aquelas bandas. O curioso é que, mesmo com a sinalização do trânsito e as placas dos carros redigidas em francês, os veículos (em sua maioria franceses, é claro!) têm volante e câmbio do lado direito, pois lá se dirige pela mão esquerda (mão inglesa). Vai entender. O cultivo do chá foi outro hábito que ficou enraizado em Maurícius e, embora não substituísse a cana-de-açúcar como a atividade econômica mais rentável, não resta dúvida de que é um símbolo importante na vida dos mauricianos. Uma visita à plantação e à fábrica de chá, acompanhada de uma degustação, faz parte do roteiro turístico. Porém, nada como o turismo. Embora longe de tudo – a cidade mais próxima é Johannesburgo, na África do Sul, a quatro horas de voo – poucos lugares têm sido tão bem-sucedidos em divulgar sua imagem para o mundo como Maurícius.

No decorrer dos dias, quando exploramos a ilha de norte a sul e cruzamos partes do interior montanhoso, descobrimos a verdadeira identidade de um destino culturalmente eclético, com uma paz social tão enraizada quanto a natureza ao redor, e um *train de vie* característico e profundamente diversificado.

Em primeiro lugar, não existe o “legítimo” ou “indígena” mauriciano, pois todos os habitantes são oriundos de alguma parte do mundo – quer seja da Índia, África, Europa ou Ásia – e cada um segue livremente seus preceitos religiosos. Isso, de cara, elimina conflitos étnicos e de religião.

Daí a profusão de mesquitas, templos hindus e budistas e igrejas católicas, construídos lado a lado em cada comunidade, reverenciados por esses povos de origens diversas que convivem pacificamente como vizinhos no mesmo quarteirão. Ou seja, fiéis às suas tradições e ritos, os chineses comemoram seu Festival da Primavera, os muçulmanos cumprem o Ramadã, os hindus festejam o deus Shiva e os cristãos prestam homenagens ao seu santo mauriciano, também conhecido como o “Apóstolo dos Negros, Père Laval”. O idioma oficial de Mauritius, por força da cronologia hereditária, pode até ser o inglês, mas é muito mais comum ouvir as pessoas se expressando em francês, alguns com bastante sotaque *créole*. Sem contar com o indiano, tâmil, cantonês, sânscrito, bhojpuri e outros trocentos dialetos. Felizmente, nessa Torre de Babel todos são iguais perante a Mãe Natureza.

Por isso ninguém se sente um peixe fora d’água em Mauritius. Muito pelo contrário, com um mar convidativo ao seu alcance, você quer mesmo é se esbaldar na água. Ainda mais que, acomodados como realeza num bangalô com piscina privativa, num espaço com mais de 200 metros quadrados, bastava descer dois degraus e caminhar dez passos para alcançar o pedaço de praia que poderíamos chamar de nosso. Duas espreguiçadeiras de frente para o mar incitavam a um *farniente* total. E como em qualquer um dos resorts cinco estrelas de Mauritius, onde é de praxe que os hóspedes façam todas as refeições no próprio hotel, nem era preciso se preocupar em botar o pé para fora dessa zona de conforto. Convenhamos, qualquer ser humano dublê de turista, em pleno gozo de suas faculdades mentais, nem sequer cogitaria em se afastar até mesmo do perímetro de sua vivenda de luxo, quanto mais deixar aquele oásis onde você é imediatamente seduzido pelo cenário e, como ninguém é de ferro, pelo Nira Spa – verdadeiro templo de massagens holísticas, sessões de ioga e meditação.

Admito que foi difícil, mas tivemos de vencer a inércia e sair portão afora para realmente nos inteirarmos com Mauritius, nem que fosse para conhecer um pouco dos 300 quilômetros de sua costa e outras atrações. Sim, porque há muito mais do que praias bonitas para aconchegar casais em lua de mel. É claro que tudo é incentivo para relaxar e se isolar, mas a natureza lá é prolixa, com imensas áreas incrivelmente verdes. Tem campo de golfe, jardim botânico e lugares para cavalgar, excursões em quadriciclo ou mountain bike, e outras tantas atrações. Para quem vai explorar, vale também saber que há alguns microclimas espalhados pelos 1.865 quilômetros quadrados da ilha: na região dos vales, mais elevada, há uma oscilação de pelo menos 10°C em relação à costa, onde o clima tropical, seco e arejado é agradável o ano inteiro, alcançando o máximo de 25°C nos meses de inverno (junho a agosto) e 35°C no verão.

Como qualquer hóspede do Shanti, contamos com a ajuda





A natureza dá um verdadeiro show no encontro das águas do rio e do mar, a balsa rústica é porta de entrada para a aldeia





A natureza dá um verdadeiro show no encontro das águas do rio e do mar, a balsa rústica é porta de entrada para a aldeia





de um experiente concierge para compor sabiamente a programação e dividir um roteiro condizente com a duração da nossa estada no local. Com cinco dias pela frente, tínhamos agenda de sobra. E já que o tempo estava ótimo e sem previsão de chuva, começamos logo com um passeio de barco, alugando uma pequena lancha só nossa, por seis horas, com timoneiro. É a melhor opção e evita ter de dividir espaço com outros turistas. Além disso, dá para gerenciar o itinerário à vontade. Para quem gosta de fazer snorkel, nada mais atraente do que a baía do Blue Lagoon, onde peixinhos coloridos e listrados de azul esbarram nos banhistas sem medo algum. Os barqueiros, que trazem turistas de vários outros resorts, não podem sequer jogar âncora naquele local protegido por leis ambientais. Eles se amarram uns aos outros enquanto a clientela se atira na água, de pés de pato e máscara. A água é translúcida e muito quentinha. Em seguida, passamos rente à barreira de corais para chegar ao antigo farol. A belíssima construção do L'Île du Phare está largada, mas não perdeu a majestade. Tem até um "geyser" que, devido ao impacto das ondas, espirra por detrás de umas rochas, constituindo um fenômeno visual muito interessante. E, se do lado de dentro, o mar é mansinho e dá até para se refrescar na água transparente, pelo outro as ondas são imponentes e se chocam com as falésias com violência. É um território intransponível e impraticável até para surfistas tarimbados. No programa ainda vimos de perto morcegos gigantes pendurados em árvores, algo bastante impressionante.

Nas manhãs a seguir, saímos para explorar o lado sul, menos conhecido e, portanto, mais selvagem. Visitamos a famosa fábrica de chá, subimos e descemos estradinhas sinuosas, ladeadas por plantações, mar e mata tropical. Passamos por inúmeros vilarejos, fomos até um mirante para admirar a vista e uma cachoeira, visitamos o templo de Siva e paramos em praias fantásticas, onde a prática de kitesurf atrai centenas de esportistas. Durante esses dias, comemos comidas tipicamente créole, nos debruçamos sobre panoramas de colinas verdes ondulantes e picos esparsos salientes e brindamos ao indescritível pôr do sol da ilha, sob vários ângulos, sempre com uma taça de champagne na mão. Mas, nada me emocionou tanto quanto a oportunidade de nadar ao lado de um bando de golfinhos, durante uma excursão que nos arrancou do aconchego da cama king size às 6 da manhã, para chegar no local, a cerca de 1 milha de distância da costa, onde grandes cardumes caçam diariamente. Várias pequenas embarcações se reúnem em

alto-mar, com o objetivo de avistar esses afáveis mamíferos e, assim que chegam perto o suficiente, desligam os motores e despejam os turistas na água. Nem que seja por alguns instantes, essa sensação de convívio é uma experiência realmente fantástica, pois os golfinhos nadam a seu lado por frações de segundos e você, de máscara, consegue enxergar suas manobras debaixo d'água a poucos metros. No entanto, é humanamente impossível conseguir tocá-los, nem mesmo com a pontinha dos dedos. Em Maurítius, até os golfinhos convivem pacificamente com entes que nem sequer falam a sua língua. 🚢